



"Papai bobinho!" Uma análise psicossocial da figura paterna através dos desenhos animados infantis

"Silly daddy!" A psychosocial analysis of the paternal figure through the childish animated cartoons

Paulo Fernando de SOUZA JÚNIOR¹
Eduardo Pacheco de Aquino FONSECA²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo primordial analisar e compreender, a partir de teorias da Psicologia Social e do Desenvolvimento, representações das figuras paternas veiculadas em episódios emblemáticos dos desenhos animados Peppa e O incrível mundo de Gumball, produzidos para o público infantil. Pretende, também, verificar o exercício da paternidade dentro de configurações e dinâmicas familiares peculiares. Tenciona discutir as possíveis correlações entre as representações das figuras paternas fictícias e reais, no contexto contemporâneo. O método hipotético-dedutivo utilizou os seguintes procedimentos: levantamento bibliográfico; levantamento de características (físicas e psicológicas) dos personagens dos núcleos familiares; análise das narrativas de episódios centrados nas dinâmicas familiares; e análise das representações dos papéis paternos e maternos. Como conclusão, foram evidenciadas a desqualificação da autoridade das figuras paternas e o surgimento de um novo paradigma de gêneros nos moldes da família nuclear de classe média das sociedades contemporâneas.

Palavras-chave: Psicologia Social. Família. Socialização primária. Paternidade. Desenvolvimento psicológico infantil.

Abstract: The main objective of this article is to analyze and understand, from theories of Social Development Psychology, representations of the paternal figures conveyed in emblematic episodes of the cartoons Peppa and The incredible world of Gumball, produced for children. It also seeks to verify the exercise of paternity within peculiar family configurations and dynamics. It intends to discuss the possible correlations between representations of fictitious and real father figures in the contemporary context. The hypothetical-deductive method used the following procedures: bibliographic survey; survey of characteristics (physical and psychological) of the characters of the family nuclei; analysis of episodes narratives centered on family dynamics; and analysis of representations of paternal and maternal roles. As a conclusion, the disqualification of the authority of the paternal figures and the emergence of a new paradigm of genres along the lines of the middle-class nuclear family of contemporary societies were evidenced.

Keywords: Social Psychology. Family. Primary socialization. Paternity. Child psychological development.

<http://doi.org.10.24024/2357-9897v27n1a2018p930107>

¹ Mestre em Letras | UFPE | e graduando em Psicologia | FAFIRE | E-mail: pfernandojunior@uol.com.br

² Mestre em Antropologia | UFPE | Psicólogo e professor do Curso de Psicologia | FAFIRE | E-mail: edufafire@gmail.com

Introdução

Filho, quem te fez? Oh, qual das ninfas de longa vida, com o padre Pan, que bate os montes?
 Ou foi ela amante de Loxias? Das planuras ricas de pastos este é amigo.
 Ou foi Cilene o soberano? Ou o báquico nume que habita os píncaros
 Acolheu-te de uma das helicônidas ninfas com quem muitas vezes brinca?
 (Sófocles, 2012, p. 95)

As questões acerca da origem, tão relevantes quanto aquelas sobre o destino, representam, para o ser humano, um desafio sobre o qual se debruça sua compreensão, desde tempos imemoriais. O Édipo sofocliano – cujos versos acima exprimem liricamente esta dúvida – é um símbolo caro à nossa civilização, e funciona como metáfora a esta preocupação com as respostas ao “de onde vim?”, “para onde vou?”, enfim, “quem sou eu?”. Não foi à toa que o “Pai da Psicanálise” se inspirou na tragédia do poeta grego para ilustrar uma de suas teorias basilares: o famoso, debatido, massificado e até vulgarizado, porém ainda pouco compreendido em suas múltiplas facetas, fora (e mesmo dentro) dos círculos acadêmicos, Complexo de Édipo. Da tragédia grega ao drama psicanalítico do triângulo afetivo mãe-filho-pai, muito pode ser explorado para analisar, por um lado, a construção da(s) identidade(s) subjetiva(s) e, por outro, a estruturação da personalidade e do funcionamento da vida psíquica do indivíduo/sujeito contemporâneo.

Até a primeira metade do século XX, nas sociedades ocidentais (e ocidentalizadas), os papéis socioculturais do feminino e do masculino – historicamente demarcados – dentro da família nuclear burguesa, eram assim estabelecidos: o homem/pai era o provedor material, o “senhor do castelo”, o chefe da família, autoritário e, em relação aos filhos, distante física e emocionalmente – possivelmente para a garantia de sua representação de autoridade no espaço público. Esta autoridade do “pai-patrão” se baseava no respeito pelo temor, e não pelo afeto (NOLASCO, 1995). Já a mulher/mãe era a “rainha do lar” – nas famílias menos afortunadas, a “escrava” –, a administradora do espaço doméstico, que detinha uma suposta vocação natural para a maternidade e, em consequência disto, para o planejamento e exercício das atividades relacionadas à família, como a alimentação, a educação, a saúde e o lazer (BOCK, 2001).

A partir da segunda metade daquele mesmo século, várias transformações socioculturais viriam a impactar na configuração e na dinâmica desse modelo, especialmente os movimentos sociais pelos direitos da mulher e pela sua emancipação. Com isso, adveio o aumento de sua inserção no mercado profissional e acadêmico; o desenvolvimento da pílula anticoncepcional impulsionou a liberalização da vivência sexual; e a legalização do divórcio flexibilizou a estabilidade das relações conjugais. De maneira geral, os movimentos de contracultura também propuseram questionamentos às instituições sociais, entre elas, a família (BOCK, 2001; LOURO, 1997).

Todo esse movimento provocou uma espécie de “democratização” das relações homem-mulher, e os papéis sociais masculino/feminino na configuração e dinâmica familiares foram revistos para atender às novas demandas. Atualmente, há o desenvolvimento de

uma ideia, não mais de envolvimento, mas de compromisso da figura paterna com a criação dos filhos, o que se conceitua como “paternidade participativa”, que articula interação, acessibilidade e responsabilidade no exercício do papel de pai (SUTTER e BUCHER-MALUSCHKE, 2008; NOLASCO, 1995 e 2006; SILVA e PICCININI, 2007).

Entretanto, como verificável na maioria dos processos de mudança social, há pontos de resistência de ambos os gêneros a essa reconfiguração de papéis. Podem ser elaboradas as seguintes hipóteses para esta resistência: por parte das mulheres, há uma dificuldade em ceder o espaço de reconhecimento historicamente por elas ocupado e uma espécie de insegurança e desconfiança quanto à competência masculina em assumir o papel de “dono de casa”. Por parte dos homens, além de uma sensação generalizada de perda dos espaços de poder há séculos por eles ocupados, ditos e tidos como legítimos do masculino, há uma incerteza de sua capacidade para modelos diferentes de homem (e, por extensão, de pai), e um sentimento de confusão por uma suposta perda da virilidade e de privilégios históricos do gênero (NOLASCO, 1995 e 2006; LOURO, 1997).

Em todo caso, algo é indiscutível: a importância das figuras materna e paterna para o desenvolvimento psicossocial e psicossocial do indivíduo, principalmente na infância. Do ponto de vista psicológico, cada um a seu turno é “suporte” de uma função simbólica específica que pode propiciar ao sujeito um desenvolvimento saudável ou não, especificamente no que, em termos psicanalíticos, chama-se de fase edípica (MARCOS, 2003; LAPLANCHE E PONTALIS, 1992; ROUDINESCO E PLON, 1998).

A inserção da criança no mundo social dependerá, em boa parte, da resolução da trama engendrada no Complexo de Édipo, envolvendo pai, mãe e filho(a), em meio a relações objetais e identificatórias, projetivas e introjetivas. De modo geral, a criança construirá imagens simbólicas de pai e mãe necessárias para seu desenvolvimento sexual, afetivo e social (MARCOS, 2003; LAPLANCHE E PONTALIS, 1992; ROUDINESCO E PLON, 1998).

Entretanto, contemporaneamente, essas imagens e os significados de filho(a), mãe e pai não são construídos nem representados apenas a partir dos espaços sociais convencionais, como família, escola, vizinhança, igreja, clube, mas também através dos novos espaços e produtos virtuais cada vez mais comuns em tempos denominados como “pós-modernos”. Assim, é privilegiado o *locus*, em nossa cultura, da televisão e do desenho animado infantil – assim como das tecnologias da informação mais avançadas, como a informática, a *Internet* e seus “derivados” – para a transmissão de imagens e mensagens que contribuem significativamente para a construção de representações sociais no imaginário infantil.

Os procedimentos metodológicos da pesquisa atenderam à natureza interdisciplinar e ao caráter hipotético-dedutivo do método. Inicialmente, foi realizada a revisão da literatura, de acordo com o sugerido no levantamento bibliográfico da pesquisa. No campo da Psicologia Social, foi pesquisado o tema “família, gênero e socialização” (BOCK, 2001; GABRIEL E DIAS, 2011; GOMES, 1992, LUCKMANN E BERGER, 2006; LOURO, 1997; NOLASCO, 1995 e 2006; POSTMAN, 1999; SILVA E PICCININI, 2007; SUTTER E BUCHER-MALUSCHKE, 2008; WOORTMANN, 1987; ZANETTI E GOMES, 2009); e o tema “representações sociais” (ALMEIDA, 2015; CARVALHO, 2002; MORIGI, 2004; MOSCOVICI, 2007; NUNES, 2007; SÁ, 2002).

No campo da Psicologia do Desenvolvimento, foi pesquisado o tema “teorias psicanalíticas do desenvolvimento infantil” (BENCZIK, 2011; BERGER, 2001; CORSO E CORSO, 2011, FREUD, 1996a e 1996b; LAPLANCHE E PONTALIS, 1992; MARCOS, 2003; PELLEGRINO, 2009; ROUDINESCO E PLON, 1998; YOUNG, 2005).

Num segundo momento, foi efetuado o levantamento de características físicas e psicológicas das personagens parentais e filiais componentes dos núcleos familiares dos desenhos animados *Peppa* e *O incrível mundo de Gumball*, especialmente dos comportamentos e relações pai-filhos, mãe-filhos e marido-esposa, através de informações sobre os programas e seus personagens, divulgadas na *Internet*. Foi realizada uma correlação entre algumas destas características e foram estabelecidas categorias que, *a priori*, ratificam a hipótese da construção, por parte da mídia, de um exercício da paternidade esvaziado de autoridade (MARCOS, 2003; ZANETTI e GOMES, 2009).

Por fim, foram analisados dois episódios, um de cada produção, a fim de verificar, através do discurso verbal e não verbal, expressos pelos personagens dos núcleos familiares, se as características identificadas correspondiam às narrativas intersemióticas – sistemas coordenados de signos, no caso, visual, textual e auditivo (MORIGI, 2004; NUNES, 2007).

Socialização primária: novas dinâmicas familiares versus mídia

Inicialmente, do ponto de vista psicossocial, é necessário salientar que o conceito de “família” se refere a uma construção histórica e sociocultural, para além de uma definição naturalista de papéis fundamentada numa concepção sexista (BOCK, 2001; GOMES, 1992 e 1994; LOURO, 1997). Assim, as novas configurações e dinâmicas dos papéis familiares na sociedade brasileira contemporânea convergem para uma generalizada crise de identidade dos gêneros – de forma especial, a “crise masculina” – a partir das novas dinâmicas femininas (WOORTMANN, 1987; LOURO, 1997; NOLASCO, 1995).

Advém dos estudos de gênero uma reflexão do conceito do feminino e, desta, outra sobre o conceito de masculino (LOURO, 1997; NOLASCO, 1995 e 2006). Novas expectativas surgem no sentido de uma redefinição – ou, ao menos, uma releitura – das múltiplas identidades e papéis, dentre eles, aqueles desempenhados no contexto familiar, ou seja, a “maternagem” e seu equivalente, a “paternagem” (GABRIEL, 2011; SUTTER e BUCHER-MALUSCHKE, 2008; SILVA e PICCININI, 2007).

Nessa perspectiva, é evidente um dilema parental – especialmente o da figura paterna – entre o autoritarismo do modelo da família burguesa tradicional e a permissividade do modelo contemporâneo, diante da prerrogativa de se impor limites, na educação de crianças e jovens, por parte das novas configurações e dinâmicas familiares. Mesmo porque, se antes essa prerrogativa era do “pai de família”, hoje a “mãe de família” muitas vezes divide ou mesmo assume esse papel de autoridade, demarcado historicamente e socialmente como “típico” do homem (LOURO, 1997). A negociação destes papéis poderia ser uma evidência das transformações do modelo familiar, não fosse uma deliberada ausência, física e psicológica, tanto materna quanto paterna. Afinal, no contexto contemporâneo, parece que

a “autoridade da casa” jaz no pretense direito de os filhos não serem frustrados em seus desejos (ZANETTI; GOMES, 2009).

Perante uma sociedade cada vez mais consumista, hedonista e individualista, impregnada pelos apelos midiáticos da publicidade (POSTMAN, 1999), dizer “não” aos filhos parece tarefa hercúlea, dolorosa, improvável, face ao sentimento de culpa que muitos apresentam, por conta da ausência quantitativa e qualitativa de tempo para as crianças – justificadas pelas pressões exercidas notadamente pela esfera profissional – e face às frustrações de desejos experimentadas pelos pais durante a vivência de suas próprias infâncias (ZANETTI; GOMES, 2009).

Independentemente de configuração e dinâmica, é consenso afirmar que o processo de socialização primária do indivíduo se inicia com e na família, tanto nuclear como estendida (LUCKMAN; BERGER, 2006; GOMES, 1992 e 1994). Entretanto, na contemporaneidade, outras instituições formais e informais – como a creche, a escola, a igreja, o clube, a vizinhança, o condomínio e mesmo a esfera tecnológica midiática (meios de comunicação de massa como a TV e, mais recentemente, as possibilidades do espaço cibernético, como a *Internet*) – acumulam este papel com o de socialização secundária, face à delegação dos cuidadores familiares a estes atores, no sentido de fornecer representações sociais e substratos simbólicos que permitem às crianças, desde a mais tenra idade, tanto a formulação objetiva e subjetiva da realidade, como a construção de suas próprias identidades (LUCKMANN; BERGER, 2006; GOMES, 1992 e 1994; NUNES, 2007; POSTMAN, 1999).

Em outras palavras, a “babá eletrônica” está assumindo, gradativamente, o lugar e o papel outrora ocupado pelos pais, mães, avós, tias(os), vizinhas(os), babás (de “carne e osso”), professoras(es), etc. Na ausência (ou presença em pouca quantidade e qualidade) dos cuidadores convencionais, por várias razões de ordem econômica e social, os produtos e serviços direcionados ao público infantil ocupam os sentidos das crianças e “transferem” informações e conteúdos diversos, de forma direta ou subliminar. Neste sentido, é necessário questionar até que ponto esta “semiosfera” (NUNES, 2007) atende às necessidades infantis e se ajusta à maturidade cognitiva e afetiva das crianças; e se há acompanhamento, por parte dos cuidadores, dos conteúdos, e, por fim, como eles interferem no desenvolvimento psicológico infantil.

A influência do exercício da paternidade no desenvolvimento psicoafetivo infantil

A despeito de ser mais adequado – ou “conveniente”, ou mesmo “saudável” – que o papel de “dizer não” resida formal ou funcionalmente na figura paterna ou materna, o importante é que este papel seja efetivamente desempenhado, para o bem da própria estruturação psíquica da criança.

Do ponto de vista das teorias psicanalíticas do desenvolvimento, essencialmente a freudiana (FREUD, 1996a; BERGER, 2001), todos, ainda crianças – e de modo universal, ou seja, para além das especificidades históricas de cada sociedade ou cultura – atravessam fases – vivenciadas sequencialmente –, embora com algumas variações etárias, por conta

dos fatores socioculturais. Neste ponto – apesar de o escopo deste artigo não permitir uma discussão aprofundada e exaustiva – é necessário destacar que as teorias psicanalíticas apresentam variações, tanto quanto ao caráter sequencial e definitivo destas fases, quanto para a questão essencial da “função paterna”, especialmente entre Freud, Klein e Lacan (FREUD, 1996a; BERGER, 2001; LAPLANCHE e PONTALIS, 1992; ROUDINESCO e PLON, 1998; YOUNG, 2005; MARCOS, 2003).

Conforme a teoria freudiana, a pulsão sexual (“libido”) se concentra em determinadas regiões corporais (“zonas erógenas”), de acordo com as características de cada fase, constituindo-se em: oral – aproximadamente, entre 0 e 1 ano; anal – 1 e 3 anos; fálica – 3 e 6 anos; a “latência”, um período no qual a libido é direcionada para motivações de caráter social, cognitivo e cultural – 7 e 11 anos; e, por fim, genital – a partir dos 12 anos (FREUD, 1996a; BERGER, 2001; LAPLANCHE e PONTALIS, 1992; ROUDINESCO e PLON, 1998).

Em linhas gerais, durante a fase fálica, a partir de suas “teorias sexuais”, de caráter fantasioso, a criança atravessa o “Complexo de Édipo” e o “Complexo de Castração”. Através da resolução da “trama edípica”, quando se estabelece uma específica relação mãe-criança-pai, o indivíduo tem oportunidade de estruturar sua personalidade: no caso do menino, ao sofrer a interdição do pai à relação objetal/libidinal com a figura materna, e assumindo uma relação identificatória com a figura paterna; e, com a menina, num processo mais “controvertido”, dá-se o inverso. Esta seria, na perspectiva freudiana, uma resolução, *grasso modo*, deste momento conflituoso, podendo haver, não raras vezes, variações conforme a experiência subjetiva de cada indivíduo (FREUD, 1996a; YOUNG, 2005; LAPLANCHE e PONTALIS, 1992; ROUDINESCO e PLON, 1998).

No entanto, a intensidade e as possibilidades de uma resolução edípica, em termos mais “saudáveis”, dependerão da percepção de amparo que o indivíduo recebeu durante as fases anteriormente experimentadas. Esse amparo deriva tanto da figura materna como paterna e funcionará como um “fortalecimento egoico” para o enfrentamento do conflito edípico (PELLEGRINO, 2009).

Além do amparo, a criança, na condição de fragilidade física e psíquica em que se encontra, demanda segurança, que é percebida, de maneira geral, pela existência de uma figura que represente autoridade, pois “na maioria dos seres humanos, tanto hoje como nos tempos primitivos, a necessidade de se apoiar numa autoridade de qualquer espécie é tão imperativa que seu mundo desmorona se essa autoridade é ameaçada” (FREUD, 1996b, p. 78).

A relevância da autoridade é demonstrada por estudos realizados com grupos de crianças criadas em contextos familiares de figuras paternas ausentes, através dos quais foram percebidas

[...] dificuldades de reconhecer limites e de aprender regras de convivência social. Isso mostraria a dificuldade de internalização de um pai simbólico, capaz de representar a instância moral do indivíduo. Tal falta pode se manifestar de diversas maneiras, entre elas uma maior propensão para o envolvimento com a delinquência (BENZICK, 2011, p. 70).

Ou seja, se este “pai simbólico” é representado como inseguro ou incapaz de transmitir segurança à criança, o desenvolvimento psicossocial desta – assim como o psicossocial – pode ser comprometido, uma vez que:

[...] a importância de os pais fornecerem uma base segura a partir da qual uma criança ou um adolescente pode explorar o mundo exterior e a ele retornar certos de que serão bem-vindos, nutridos física e emocionalmente, confortados se houver um sofrimento e encorajados se estiverem ameaçados. A consequência dessa relação de apego é a construção, por volta da metade do terceiro ano de idade, de um sentimento de confiança e segurança da criança em relação a si mesma e, principalmente, em relação àqueles que a rodeiam, sejam estas suas figuras parentais ou outros integrantes de seu círculo de relações sociais (BENCZICK, 2011, p. 71).

O papel da mídia na construção das representações sociais

O tema deste artigo demanda a discussão de contribuições epistemológicas multifacetadas, uma vez que é dirigido à análise da influência de duas produções televisivas – desenhos animados infantis – sobre os papéis socioculturais parentais e o exercício da paternidade em famílias de configurações e dinâmicas típicas de um modelo nuclear contemporâneo brasileiro.

É verificável, empiricamente, que a televisão, dentre os canais do universo midiático, constitui-se como um considerável fator no processo de socialização secundária na contemporaneidade (GOMES, 1992 e 1994; MORIGI, 2004; NUNES, 2007). E é igualmente observável que a televisão representa figuras paternas esvaziadas de sua tradicional função de autoridade.

Por exemplo, em meados da segunda metade do século XX já se percebia uma representação ridicularizada das figuras paternas, como o Fred, de *Os Flintstones*, ou o George, de *Os Jetsons* (ambos da década de 60). Em contrapartida, era apresentado um estereótipo feminino e materno de “rainha do lar”, submissa e dócil (Wilma e Jane, respectivamente), o que indicava, no contraste das representações dos gêneros, uma legitimação do papel de pai-provedor e, quiçá em consequência disso, de autoridade dos “chefes de família” (NOLASCO, 1995).

Entretanto, a título de exemplificação, o Ricardo e a Nicole Watterson, de *O incrível mundo de Gumball* (2011), são representantes da contemporaneidade e se localizam no polo oposto dos estereótipos anteriores: nesse caso, é a mãe a provedora única, enquanto que o pai, desempregado. E o papel de autoridade na educação dos filhos é exercido pela mãe, principalmente pelas características de sua própria personalidade. Essa comparação facilita, de maneira geral, uma compreensão das alterações de representações sociais, ocorridas nas sociedades ocidentais/ocidentalizadas em pouco mais de meio século.

A teoria das representações sociais (MOSCOVICI, 2007; ALMEIDA, 2015; CARVALHO, 2002; MORIGI, 2004; SÁ, 2002) se configura como um instrumental teórico interessante para a compreensão mais detalhada dessa mudança de representação das figuras parentais nos desenhos animados, uma vez que

[...] as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros (MOSCOVICI, 2003, p. 8).

A partir de categorias como “ancoragem” e “objetivação”, percebe-se como o “estranho” é familiarizado pelo contexto sociocultural que designa, do ponto de vista de uma ideologia hegemônica, o que é considerado central e o que é periférico, pelas práticas e discursos sociais. Logo, fica clara uma ideia de hierarquização de valores, de acordo com os critérios de quem nomeia para o que é nomeado (MOSCOVICI, 2003).

A primeira categoria se refere a uma “integração cognitiva do objeto representado a um sistema de pensamento social preexistente e nas transformações implicadas em tal processo” (SÁ, 2002, p. 46). Assim, por exemplo, quando a porquinha Peppa confere ao pai a expressão *Papai bobinho*, este elemento de discurso se reveste de um sentido de aproximação de uma figura paterna flagrada num comportamento ou situação ridícula e inesperada, ao mesmo tempo carregada de afeto – percebida pelo diminutivo da adjetivação “bobinho”. No momento em que milhões de crianças mundo afora ouvem a expressão, a figura paterna, estranhamente “desfalicizada”, aproxima-se de suas realidades familiares, negando-a ou confirmando-a.

Já a segunda categoria, a objetivação, refere-se à “construção de imagens naturalizadas que tomam o lugar do desconhecido e assim o explicam” (ALMEIDA, 2015, p. 131). Ou seja, a classificação e a denominação dadas pela porquinha ao pai se incorporam à representação da imagem e do comportamento deste. Desta maneira, características físicas e psicológicas desta figura paterna (gordo, glutão, bonachão, afável, gentil) se revestirão do significado de um pai “bobalhão, porém muito estimado”. Neste processo, a imagem construída passará a ser significativa da representação de um pai não autoritário e afável. Assim,

[...] as representações que fabricamos – de uma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc. – são sempre o resultado de um esforço constante de tornar real algo que é incomum (não familiar), ou que nos dá um sentimento de não familiaridade. Através delas, superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que era abstrato torna-se concreto e quase normal (...) as imagens e ideias com as quais nós compreendemos o não usual apenas trazem-nos de volta ao que nós já conhecíamos e com o qual já estávamos familiarizados (MOSCOVICI, 2003, p. 58).

Deste maneira, o “papai bobinho” representaria uma espécie de transgressão, colocando em relevo a afetividade em detrimento da autoridade, estabelecendo, possivelmente, uma nova maneira de exercício da paternidade.

Por fim, a teoria da representação social moscoviciana remete diretamente à ideia durkheimiana de “representação coletiva”, no sentido de serem manifestações socioculturais típicas e correntes. Porém, Moscovici se diferencia de Durkheim pela ênfase que o primeiro deu ao caráter “dinâmico” da representação social, relevante para a

compreensão das transformações velozes que marcam as sociedades contemporâneas (ALMEIDA, 2015, p. 130).

Para verificação desta representação social da figura paterna “desfalicizada”, a seguir, serão analisados dois episódios exemplares de *Peppa Pig* e *O incrível mundo de Gumball*, identificados como programas de grande audiência do público infantil, nas faixas etárias correspondentes ao período educacional Pré-escolar (3-5 anos) e Fundamental Menor (6-8 anos), respectivamente.

Análise dos episódios de *Peppa pig* e *O incrível mundo de Gumball*

Foram selecionados dois episódios, um de cada produção, atendendo ao critério de participação dos núcleos familiares dos protagonistas em situações nas quais pudessem ser observadas as inter-relações pai-filhos, mãe-filhos e marido-esposa, a fim de verificar a hipótese de desqualificação e/ou esvaziamento da autoridade paterna, em relação à figura materna e ao comportamento dos filhos.

Peppa: “Parque de diversões”

Peppa (título original, *Peppa Pig*) é uma produção do Reino Unido, que estreou inicialmente no Brasil, em 2013, no canal fechado *Discovery Kids*. Direcionado ao público infantil em fase pré-escolar (3-5 anos), seus episódios têm uma duração média de cinco minutos. O episódio ora analisado, o vigésimo quarto da terceira temporada, apresenta um passeio a um parque de diversões da família Pig: Peppa e George (filhos), Papai e Mamãe – que, curiosamente, não possuem nomes próprios, como se a função parental sobrepujasse a identidade pessoal de cada um.

Assim que chega, a família se divide em duas duplas: pai e filho, de um lado, mãe e filha de outro. Papai demonstra medo diante dos brinquedos escolhidos por George (escorregador alto, roda gigante), enquanto que Mamãe se sente desafiada pelos funcionários do parque, nos brinquedos escolhidos por Peppa (pescaria do pato, arco e flecha), que exigem habilidades consideradas atributos “masculinos”. Eis alguns excertos de discurso, em cinco momentos da narrativa, que representam esta dinâmica dos papéis de gênero das figuras parentais:

[1]

- (Mamãe Pig vai à “pescaria ao pato”, com Peppa).

- (Funcionária do brinquedo, para Mamãe, a respeito desta ganhar o prêmio): “*Não tem nenhuma chance... é impossível, é um desperdício de dinheiro!*”.

- (Mamãe Pig, expressão facial de contrariedade): “*Ah, é? Vamos ver!*”.

[2]

- (Papai Pig, no escorregador, com George): “*É realmente alto! ...*”.

- (Papai, mesmo demonstrando medo, sobe no brinquedo para acompanhar George; este se sente seguro e escorrega).

- (Narrador) *“O George não tem mais medo de altura”.*

[3]

- (Funcionário do arco e flecha, para Mamãe Pig): *“Você não vai ganhar, mulheres não são boas nisso...”.*

- (Mamãe Pig, com expressão facial de contrariedade): *“Ah é? E quanto é para jogar?”.*

[4]

- (Papai Pig, na roda gigante, com George; o brinquedo começa a girar): *“É... realmente alto!!! (Papai se assusta; George sorri; no final da primeira volta, Papai diz aliviado): “Ainda bem que acabou...”.*

- (Funcionário da roda gigante): *“São cinco voltas por apenas um real”.*

- (Papai, surpreendido): *“Cincos voltas?? Ah, nãoooo!! Aahhh!”...*

[5]

- (Família Pig reunida, no jogo do martelo; funcionário do brinquedo anuncia a todos): *“Não precisa ter habilidade, mas você tem que ser forte!”.*

- (Mamãe Pig): *“Tenha cuidado, Papai Pig, você não está em forma!”.*

- (Funcionário): *“Hô, hô, sim, o Papai Pig está um pouco gordinho!”.*

- (Mamãe Pig, surpresa): *“O quê??”*

- (Funcionário): *“Só estou dizendo que o Papai Pig está com uma barriga muito redonda”.*

- (Mamãe Pig, indignada): *“Me dê esse martelo aqui!!!”* (bate o martelo com força e acerta o sino cinco vezes).

- (Funcionário, admirado): *“Minha nossa!! Eu nunca tinha visto nada parecido!!!”.*

Gumball: “O limite”

O incrível mundo de Gumball (The amazing world of Gumball) é uma coprodução dos EUA, Reino Unido e Irlanda, cuja estreia brasileira aconteceu em 2011, inicialmente no canal fechado *Cartoon Network*. Seus episódios têm duração média de onze minutos e são direcionados ao público infantil situado comumente no ensino Fundamental I (6-8 anos). Entretanto, é observável empiricamente que, assim como *Os Simpsons* (veiculado originalmente pelo canal fechado Fox), sua audiência tenha ultrapassado o público-alvo original, sendo assistido não apenas por um público infantojuvenil, mas também pelo público adulto.

“O limite” é o trigésimo episódio da segunda temporada da série. Os Wattersons vão ao supermercado do *shopping center* da cidade. Nicole (a mãe), após inúmeras insistências da sua família (inclusive de Ricardo, o pai) por doces, transforma-se num monstro destrutivo, a “mãe furacão” (segundo Ricardo). Gumball, Anais e Darwin (filhos), junto com o pai, tentam deter Nicole antes que esta provoque destruição. Eis cinco sequências do discurso narrativo que exemplificam as relações de gênero e poder, e a representação da figura paterna, em relação à materna:

[1]

- (Nicole suspira, após a insistência das crianças por doces): *“Ahh!... Ricardo, pode me dar uma ajudinha com as crianças?”.*

- (Ricardo): *"Claro! Aqui, crianças, não perturbem a mamãe e comam chocolate!"*

[2]

- (Ricardo, após Nicole o colocar "de castigo" junto com as crianças, dentro do carro): *"Disciplina... eu não sou malvado, eu sou legal, muito legal! E ela não manda em mim!"*

- (Gumball): *"Já falou isso para ela?"*

- (Ricardo): *"Ah, já, muitas vezes... na minha mente..."*

- (Gumball): *"E na cara?"*

- (Ricardo): *"Não, filho, ela ia acabar comigo!"*

[3]

- (Ricardo, ríspido, com o peito estufado e a expressão facial autoritária, para Nicole): *"Oh, mulher, você vai me ouvir, vai ouvir direitinho! Eu mando em tudo agora!"*

- (Nicole, em silêncio e indiferente, continua a escolher produtos nas prateleiras).

- (Ricardo): *"Aí, escuta quando o homem tá falando com você!"*

- (Ainda em silêncio, Nicole lança para Ricardo um olhar "destruidor").

- (Ricardo faz expressão facial de espanto e murcha o peito).

[4]

- (Nicole, para Ricardo, com expressão física de cansaço, a mão no rosto, borrado de maquiagem): *"Deixa eu ver se eu entendi... Eu pedi finalmente para você tomar uma atitude de pai e servir de bom exemplo para as crianças. E você acha que o jeito de fazer isto é pegar sem pagar?? É isso! (começa a chorar)... eu acho que conseguiram... finalmente conseguiram passar..."*

- (Darwin, com expressão facial de dúvida): *"Passar do quê?"*

- (Nicole, com a voz grave e transfigurada; música de suspense): *"DO LIMITE!!"*

- (Ricardo, com expressão de ingenuidade e dúvida): *"Então quer dizer que a gente vai ganhar doces?"*

- (Música de suspense; Nicole segura um dos braços com a mão, com voz transfigurada) – *"VOCÊS TÊM QUE CORRER!!! AGORA!!!"*

- (Darwin, para Ricardo; crianças e pai correndo): *"O que houve com a mamãe?"*

- (Ricardo): *"Não é mais a sua mãe! É a mulher furacão!!"*

[5]

- (Nicole, percebendo sua "transfiguração" e a ameaça física à sua família): *"Hã! Ah, meu Deus, o que estou fazendo?! Eu... peço desculpas, eu enlouqueci demais! Que tipo de mãe sou eu?"*

- (Ricardo): *"NÃO!! A culpa é minha! Que tipo de pai sou eu? Um criança gordo, um Peter Pan bem gorducho!"*

- (Anais): *"Desrespeitamos a sua autoridade, mamãe! Sabemos que só fez isso para o nosso bem"*

- (Darwin) *"E quando os pais querem dizer NÃO, é não mesmo"*

- (Gumball, suspirando) *"Ah, espero que possa nos perdoar..."*

- (Nicole, suspirando): *"Ah, é claro, amorzinho, toda criança testa os limites, de vez quando... E os maridos fazem isso o tempo todo..."*

Discussão de resultados: as figuras paternas de Peppa e Gumball

De acordo com as características físicas e psicológicas observadas nos personagens, assim como o comportamento verbal e não verbal representado nos episódios – é possível evidenciar que Papai Pig (*Peppa*) e Ricardo (*Gumball*) distanciam-se da figura paterna típica da família nuclear burguesa tradicional, na qual o pai é representado como “autoritário”, “poderoso”, “forte” e, ao mesmo tempo, afetivamente “ausente”, “distante”, “comedido”.

Ao contrário, tanto um como outro são representados, em convergência, com atributos físicos (“gordos”, embora “grandes”) e psicológicos (“bonachões”, “companheiros”, “medrosos”, “passivos”), o que remete a outro tipo de relação com suas companheiras e filhos, na qual a afetividade e a expressão das emoções são respeitadas e mesmo fundamentais para a manutenção de seus vínculos afetivos.

Algumas distinções psicológicas são encontradas entre os dois: Papai Pig assume sem constrangimento seus medos e consegue constituir, para George, um “apego seguro”, a ponto de vencer os seus próprios medos. Por outro lado, Ricardo é infantilizado (em sua própria enunciação, “um *criança gordo*, um *Peter Pan* bem gorducho”), na dinâmica familiar, é descaracterizado da função paterna, cujo suporte físico e psicológico é Nicole, mulher/mãe que se sobrecarrega com os papéis de provedora econômica, autoridade, responsabilidade pelo cuidado, segurança e desenvolvimento dos filhos, e, ao mesmo tempo, por todos os afazeres domésticos atribuídos historicamente e culturalmente ao gênero feminino.

Assim, a família Pig demonstra equanimidade na divisão de papéis, o que confere a percepção de personagens mais estáveis e seguros em suas inter-relações, oferecendo, em tese, um ambiente mais “equilibrado” para o desenvolvimento psicoafetivo e psicossocial, tanto das crianças como dos próprios adultos. Enquanto que a família Watterson apresenta “descompassos” para o provimento deste locus, gerando conflitos e desgastes emocionais, relativizados pela natureza fictícia do gênero comédia da produção, mas que, em situações verdadeiras, provavelmente seriam manifestos.

Em todo caso, ambas as famílias fictícias apresentam similaridades com a realidade das famílias contemporâneas:

Hoje a família é representada ao modo inverso das anteriores: pais medíocres, tolos, infantilizados e com valores morais duvidosos. Porém engana-se quem pensa que a exaltação do núcleo familiar tenha sido abandonada; cederam-se os anéis para preservar os dedos, a valorização é que mudou de lugar; já não é sobre o valor em si da família como instituição ou mesmo sobre a nobre natureza de seus membros que recai a idealização, mas sobre o valor do laço familiar em si. Os pais já não são um exemplo a ser seguido, porém os laços que unem os familiares jamais se desfazem; o amor entre seus membros pode não ser o melhor, nem ao menos louvável, mas é incorruptível (CORSO; CORSO, 2011, p. 95).

Esta proposição permite uma reflexão, senão uma hipótese: a partir dos novos arranjos familiares, é possível verificar como aconteceu uma modificação nas representações sociais de homem/pai e mulher/mãe. E que diante das atuais transformações e crises de valores que atravessam os indivíduos/sujeitos pós-modernos, a família ainda

representa um importante ambiente afetivo e social para a construção de identidades e a estruturação de psiques.

Entretanto, neste contexto contemporâneo, é necessária uma investigação dos possíveis efeitos nocivos ao desenvolvimento psicossocial infantil diante do declínio do exercício da autoridade paterna (e materna!), e suas consequências no processo de socialização secundária (por exemplo, o respeito a regras de convivência em grupo e a seus próprios limites comportamentais).

Considerações finais

As hipóteses de pesquisa inicialmente levantadas foram: a) a existência de uma desqualificação da autoridade das figuras paternas, principalmente se comparadas às maternas, num processo de representação social de infantilização e "imbecilização" dos pais; b) a produção destes programas tendenciosa a reproduzir ou introduzir uma nova realidade; em ambos os casos, revisaria o paradigma de gêneros nos moldes da família nuclear de classe média das sociedades contemporâneas.

Através dos procedimentos metodológicos – levantamento bibliográfico; revisão de literatura; análise de características físicas e psicológicas das personagens e de suas interações (episódios assistidos); e discussão de resultados – foi possível deduzir e ratificar as hipóteses iniciais. Por extensão, os objetivos da pesquisa foram alcançados.

A influência da mídia televisiva sobre o imaginário e o comportamento infantojuvenil é um tema investigado, há tempos, por diversas áreas de conhecimento, como a Pedagogia, a Psicologia, a Teoria da Comunicação, a Sociologia e afins. Muito tem sido pesquisado sobre os efeitos positivos e negativos desta influência e suas consequências. Um dos efeitos que a mídia provoca é a padronização de respostas, como as relacionadas ao consumo e à representação social, através da publicidade e dos programas por ela veiculados. Essa padronização perpassa, geralmente, diferentes classes sociais, causando certo nivelamento no horizonte de expectativas dos diversos grupos que coabitam a "aldeia global".

Assim como a afirmação de que "todas as mulheres/mães são iguais" é sexista, o mesmo vale para os homens/pais. Muitas vezes, essa fixidez de papéis de gênero e parentais é reproduzida aos filhos, tanto por pais como por mães e outros cuidadores. A construção sociocultural e histórica das masculinidades apresenta peculiaridades bem distintas em relação ao percurso trilhado pelo feminino (NOLASCO, 1995). Entretanto, é consenso afirmar que, atualmente, não existe apenas uma forma de ser homem/pai, assim como uma de ser mulher/mãe.

A histórica figura paterna representada como autoridade repressora está em declínio e alguns homens passam por uma espécie de "luto" pela perda desta representação social. As mulheres, por sua vez, em seus esforços para dar conta do "funcionamento" multitarefa a que estão submetidas (e/ou a que se submetem), por vezes, exigem dos companheiros, de forma geralmente velada, que estes sejam mais do que conseguem ser – por questões culturais e intrapsíquicas e justamente pela crise de representações que atravessam.

Da parte destes homens “enlutados”, este procedimento feminino de assumir o papel de autoridade desencadeia uma crise caracterizada pela frustração da própria imagem narcísica, especialmente pelas representações sociais tradicionais e ainda vigentes, nas quais os homens são obrigados a controlar suas emoções e não expressar muitas que possam “ameaçar” sua representação social de valores como “força”, “estabilidade” e “poder” (NOLASCO, 1995 e 2006). As masculinidades (des)construídas da atualidade lidam cotidianamente com a desqualificação e o esvaziamento do seu exercício da paternidade no contexto das novas configurações e dinâmicas familiares.

Finalmente, a pesquisa realizada pretendeu articular conhecimentos de Psicologia Social e do Desenvolvimento para a compreensão de uma realidade multifacetada, dinâmica e complexa, que diz respeito a relações familiares mais saudáveis entre pais, mães e filhos e, por extensão, a uma sociedade mais igualitária e, em certa medida, menos violenta.

Referências

- ALMEIDA, Leonardo P. de. Para uma caracterização da psicologia social brasileira. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 32, n. Esp, p. 124-137, 2012.
- BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 28, n. 85, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000100007&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 8 ago. 2015.
- BERGER, Kathleen S. **O desenvolvimento da pessoa: da infância à terceira idade**. Rio de Janeiro: LTC, 2001.
- BOCK, A. M. *et al.* Família: o que está acontecendo com ela? *In: . Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2001. p. 236-247.
- CARVALHO, João Eduardo Coin de. Imaginário e representações sociais. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 6, (edições temáticas), p.25-33, 2002.
- CORSO, Diana L.; CORSO, Mário. **A psicanálise na terra do nunca: ensaios sobre a fantasia**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 7)
- _____. **Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b, (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 11, p. 67-141)
- GABRIEL, Marília R.; DIAS, Ana Cristina G. Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 253-261, set/dez.2011.
- GOMES, Jerusa Vieira. Família e socialização. **Psicologia USP**, v. 3, n. 1-2, p. 93-105, jan.1992. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34462>>. Acesso em: 9 set. 2015.
- _____. Socialização primária: tarefa familiar? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 91, p. 54-61, nov.1994.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

- LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- LUCKMANN, Thomas; BERGER, Peter L. A sociedade como realidade subjetiva. *In: ___*. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 173-241.
- MARCOS, Cristina M. As versões freudianas do pai. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 10, n. 14, p. 25-34, dez. 2003.
- MORIGI, Valdir José. Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. **Revista Eletrônica E-COMPÓS**, n. 1, dez. 2004. Disponível em <<http://www.compos.org.br/e-compos>>. Acesso em: 08 ago. 2015.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- NOLASCO, Sócrates A. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- _____. **O primeiro sexo e outras mentiras sobre o segundo**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.
- NUNES, Mônica Rebecca Ferrari Nunes. A memória da cultura e a memória na mídia em produtos audiovisuais infanto-juvenis. *In: MACHADO, Irene. (Org.) Semiótica da cultura e semiosfera*. São Paulo: Annablume, 2007, p. 255-268.
- PELLEGRINO, Hélio. Édipo e a paixão. *In: NOVAES, Adauto. (Org.) Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 307-327.
- POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SILVA, Milena da Rosa; PICCININI, Cesar Augusto. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24, n. 4, p. 561-573, out/dez.2007.
- SÓFOCLES, **Rei Édipo**. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- SUTTER, Christina; BUCHER-MALUSCHKE, Julia S. N. F. Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. **Psico**, [online] Porto Alegre, PUC-RS, v. 39, n.1, p. 74-82, jan./mar. 2008.
- WOORTMANN, Klass. O domínio doméstico: um terreiro onde galo não canta. *In: A família das mulheres*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.
- YOUNG, Robert M. **Complexo de Édipo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2005. (Conceitos da Psicanálise, v. 4)
- ZANETTI, Sandra A. S.; GOMES, Isabel C. A ausência do princípio de autoridade na família contemporânea brasileira. **Psico**. [online]. Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 194-201, abr./jun.2009.

Recebido em: 09.03.2018

Aprovado em: 23.03.2018

Para referenciar este texto:

SOUZA JÚNIOR, Paulo Fernando de; FONSECA, Eduardo Pacheco de Aquino. "Papai bobinho!" Uma análise psicossocial da figura paterna através dos desenhos animados infantis. **Lumen**, Recife, v. 27, n. 1, p. 93-107, jan./jun. 2018.